

Resumindo...

Não sei de rua ou se na rua... são os meus meninos na rua.

Nestes metros que me faltam para chegar à meta, gostaria, não de regressar ao início, mas de lembrar algumas das partes mais importantes de todo o percurso, fazer um apanhado de alguns momentos que marcaram a posição de chegada que fui construindo ao longo da prova.

Pus-me na linha de partida e parti... não conhecia o percurso, não tinha a exacta percepção do esforço, persistência ou vontade necessárias para o concluir, mas concluí.

Nunca omiti as minhas inseguranças, as minhas dúvidas, as minhas fraquezas, pelo contrário, partilhei-as convosco, e todo este trabalho é feito disso mesmo: de dúvidas, muitas dúvidas, de insegurança e incerteza. De algumas fraquezas. De muita força e alguma vontade. De alguns afectos, de muita partilha, dei e recebi. De momentos de pausa, de paragens para reflexão, da necessidade de recuar para logo a seguir avançar:

"Quando trabalhamos com uma população em situação de risco, convivemos com suas dificuldades, as quais costumam ser de naturezas diversas, e a solução de vários de seus problemas nos parece urgente. Quando estamos sós, geralmente tentamos resolvê-los e terminamos realizando acções que seriam de responsabilidade do poder público ou da própria comunidade, deixando de cumprir, com o tempo e a profundidade necessária, aquilo que é específico da nossa função. Todavia, se procurássemos a solução fora de nós mesmos, ela poderia ser mais efectiva e duradoura. (Müller e Rodrigues: 83)"

A teoria

Foi determinante em todos os passos que dei, uns maiores outros menores, uns rápidos outros lentos, toda a teoria que me foi saciando a sede e aliviando o cansaço ao longo de toda a prova. Percebi efectivamente, digamos que senti na pele, a relevância da teoria, a importância da literatura. Ela revelou-se indispensável em todas as fases, foi assumindo o papel do estímulo necessário nos momentos em que fomos em causa os nossos próprios conhecimentos, a capacidade de continuar.

Senti a teoria como uma espécie de fonte, à qual todos os pressupostos, todas as hipóteses, todos os métodos, toda a investigação, toda a narrativa foram beber. Graue e J. Walsh (1998) chamam-lhe "*o contexto de trabalho dos investigadores*."

Para que a minha construção ganhasse algum sentido, se asseverasse útil e original, senti ser de todo o interesse não saltar aquilo que no capítulo da metodologia denominei por fase de pré-investigação, fase em que me fui inteirando do que já foi feito, daquilo que já existe e como é que existe. Serviu aliás de ponto de partida para o meu próprio ensaio, pouco sabia que me assumi à partida, pouco à vontade que me sentia relativamente à temática.

Antes, mas sobretudo depois do trabalho no terreno, já por dentro do fenómeno, e da literatura, emergiram algumas questões: Será que me identificava com o que já existia? Porquê? Sob que perspectiva? Se sim, exactamente com o quê? Pretendia seguir alguma das linhas já definidas, ou pretendia afastar-me? Totalmente? Porquê? De que forma? A teoria foi fundamental neste processo, nesta reflexão, neste exercício essencial à definição do percurso a utilizar no meu próprio trabalho, à execução da minha própria dissertação. Apreendi o seu real valor, não me deixei, porém, absorver totalmente por ela, o segredo de uma boa utilização da teoria está em "*usá-la, em vez de sermos utilizados por ela*" (Graue e J. Walsh, 1998).

Do que se partiu...

Partiu-se da certeza que este estudo, realizado nestes moldes, só é possível dentro do contexto de uma sociologia da infância em que se esboça o quadro de uma infância e de uma criança que passam, resultado de um longo e moroso, persistente e paciente processo de evolução, a representar motivo de preocupação para adultos e/ou investigadores que gritam por sempre mais conhecimento *para, pelas e com* elas.

Partiu-se de uma infância "*em que o conceito de geração é o elemento-chave para a compreender* (Christensen e James, 2005: 124)".

Partiu-se de uma criança activa, participativa, que não se limita a opinar ou a dar ideias, mas a envolver-se activamente na construção de um conhecimento válido relativo a questões que as envolvam, uma criança produtora de cultura própria.

Partiu-se da vontade de ouvir os protagonistas do fenómeno, tentando, através deles, uma incursão aos seus mundos que nos ajudasse na descoberta das causas e consequências, na compreensão das suas vidas, como se organizam, quais os seus rituais, e de que forma, já que partilhamos cidade e sociedade, o seu mundo se cruza com o nosso.

Partiu-se portanto, e tendo em conta os parágrafos anteriores, do pressuposto de que a criança na rua não pode ser apenas encarada como uma aberração social, uma vítima da desgraça, mas antes como tendo uma palavra a dizer relativamente à sorte a que se vai, pelo menos por ora, entregando.

Partiu-se de uma perspectiva que "*consegue aproximar-se das necessidades actuais de tratar estes novos actores sociais a partir de uma perspectiva cidadã em que, mais do que o direito de ter direitos, o que importa é o direito de produzir e usufruir a cada dia de novos direitos*. Müller e Morelli (2002: 3)"

"Partiu-se de um adulto, de um investigador que "*questiona a ordem geracional;*" e que acredita que "*uma informação de qualidade sobre a infância deve partir da experiência das crianças* (Christensen e James, 2005: 124)."

Partiu-se do pressuposto de que "*a etnografia é a metodologia mais eficaz a ser empregue no estudo da infância* (Christensen e James 2005: 65)."

Partiu-se de um contexto em que adulto e criança, investigador e investigado, ambos se assumem sujeito e objecto de um mesmo estudo...

Partiu-se do pressuposto de que a simplicidade é a chave para o sucesso...

O que se procurou...

Procurou satisfazer-se toda a nossa sã curiosidade, saciar a nossa necessidade de saber, acalmar as nossas ânsias, dar-se resposta a todas as nossas questões.

Procurou saber-se se existem meninos de rua em Braga, suas causas, suas consequências.

Procurou trazer-se à luz do dia os contornos de uma realidade que se pretende esquecida, soterrada... chamar a atenção para um fenómeno que insistimos em não reconhecer que mora ao lado.

Procurou perceber-se se existe alguém ou *alguéns* a apoiar estas crianças, quem são, como se organizam, do que dependem, o que fazem e como o fazem...

Procurou-se, partindo de Braga, porque esse era o nosso objectivo de facto, adquirir uma perspectiva do mesmo fenómeno noutras partes do mundo.

Procurou-se marcar a diferença.

Procuraram-se as relações, os pontos de convergência e os de divergência.

E a que conclusões se chegou?

Chegou-se à conclusão simples de que Braga assiste ao desabrochar de um fenómeno que poderemos denominar por crianças na rua... Se recuarmos uns capítulos e atentarmos sobre a definição destas crianças dada pela UNICEF, constatamos pormenores que se cruzam e que fundamentam a razão de existir desta dissertação.

Vejamos: A UNICEF (1989) define esta categoria como sendo constituída pelas crianças e adolescentes até aos 18 anos que reúnem as seguintes características:

1. Localização em zonas urbanas – O local em análise é Braga, uma cidade portuguesa, entre as primeiras, e o fenómeno prolifera entre as crianças oriundas de bairros relativamente centrais (tendo em conta a planta actual da cidade).
2. Os laços familiares se existem são débeis – Nos casos estudados verifica-se que não há rupturas de facto entre as crianças e as suas famílias, tal como acontece noutros países analisados. Se considerarmos no entanto que as causas edificadoras do fenómeno crianças em situação de rua, se encontram na incapacidade da família em proteger os seus filhos desta sorte, e das características destas crianças, umas resultantes da educação a que (não) foram sujeitas, outras da sua própria personalidade que desenvolve um género de apetência para, poderemos considerar que de facto, os laços familiares, tal como são concebidos pela maioria das famílias portuguesas, se pautam por uma certa debilidade. Não há uma relação familiar que exale emoções, afectos, regras, o controlo necessário...
3. Desenvolvem espertezas e habilidades de sobrevivência – Dos relatos apresentados retém-se a necessidade de adaptação à rua de que emerge o desenvolvimento de um conjunto de espertezas e habilidades, chamemos-lhes estratégias de sobrevivência, essenciais, digamos que vitais, a quem povoa um espaço de todos que não é de ninguém.
4. A rua é o seu habitat principal, substituindo a família como factor essencial de crescimento e socialização – Nas estórias conhecidas, da negação à família enquanto instituição e espaço, surge uma rua que se apresenta como uma alternativa à mesma, e que se afirma o palco das vivências mais marcantes destas crianças. Penso que se pode concluir que a rua se assume de facto como o habitat principal destas crianças,

e as relações entre pares que aí se desenvolvem, como o factor essencial de crescimento e socialização referidos.

5. Sua condição os expõe a riscos consideráveis – Nos dias que correm é tema central de discussão o risco das vivências e das convivências na rua. Longe vão os tempos em que pais e educadores encontravam na rua um espaço são, uma alternativa ou um complemento à casa, à família. É portanto inegável o risco de se ser criança na rua.

De toda uma revisão bibliográfica relativamente à situação noutros países, nomeadamente países da América Latina e de África, que me foi pondo a par das suas (i)realidades antes mesmo de partir para a realidade no contexto do meu estudo, devo confessar, e cá está mais uma vez presente a não imunidade do sociólogo ao pré-juízo, ao pré-conceito, uma certa ingenuidade, uma certa infantilidade... "*Em Braga? Não! Não temos nada disto!*".

Sabia da existência de algo que se ia comparando com o conhecido fenómeno dos meninos de rua do Brasil, mas isso acontecia lá longe, nas cidades grandes, no Porto e em Lisboa... Sabia da existência de crianças em situação de risco ou exclusão social, mas não tinha assim tanta certeza de que se pudesse falar de menino de rua na cidade de Braga, cidade em que eu vivo, que eu pensava conhecer. Não foi muito fácil, admito, juntar as peças do puzzle e construir uma realidade no fundo tão desconstruída.

Afinal, em Braga, cidade em que eu vivo e que eu julgava conhecer tão bem, também há crianças na rua, crianças que por várias razões, razões que se prendem sobretudo com a violência verbal e física a que foram sendo constantemente expostas, e com as condições de privação em que cresceram, vivem de costas voltadas para a família e para a escola, e procuram fazer da rua o seu espaço, o seu habitat por excelência! Não dormem na rua, mas ao contrário do que durante muito tempo se pensou, também noutras partes do mundo, nomeadamente no Brasil, nem todas dormem na rua.

Afinal, em Braga, algumas das famílias das crianças na rua que eu conheci, tal como noutras partes do mundo, também esperam pelas coisas que elas, que passam o dia na rua, conseguem, ao fim do dia, já noite, trazer para casa. A sobrevivência das crianças e das suas famílias pode constituir-se como uma razão de facto para a crescente dependência de ambas da rua.

Afinal, em Braga, tal como noutras partes do mundo, a maioria das crianças na rua são rapazes, eu não conheci aliás nenhuma rapariga.

Afinal, em Braga, tal como noutras partes do mundo, a idade em que mais se verifica a decisão de saída situa-se nos 7, 9 anos ...

Afinal as famílias das minhas crianças de Braga e as famílias das crianças de outras partes do mundo comungam de algumas características: são na sua grande maioria famílias numerosas e partilham do factor migração. São quase sempre mais de 6 elementos e as famílias não são da cidade, vieram de fora, sobretudo de comunidades rurais que se dispõem em torno da cidade, vieram por variadas razões, e apesar de não verem concretizado o sonho da cidade grande aí permanecem.

Afinal, tal como os meninos de rua das outras partes do mundo, também as minhas crianças na rua em Braga não escapam às teias do insucesso escolar, quase certo abandono na primeira oportunidade que surja... e até as causas se cruzam: desadequação da escola às suas necessidades e capacidades, fracasso das relações humanas dentro da instituição, dificuldades de aprendizagem, o chamamento da rua.

Afinal, também em Braga essas crianças vão chegando uma a uma, ou aos pares, não interessa para o caso, formam grupos, grupos em que cada um dos membros acaba por se revelar importante na vida do outro. Grupos que se organizam de acordo com as necessidades e as capacidades dos seus elementos... e esses grupos têm chefes... chefes que mandam de facto e a quem o resto do grupo deve obediência!

Afinal também roubam... fumam... drogam-se! Mas em Braga, o consumo das drogas é como que controlado pelo próprio grupo. A iniciação nas drogas (leves!), digamos que as primeiras experiências, verificam-se no seio do grupo. O consumo de drogas pesadas, a dependência de facto, chamemos-lhe assim, não é vista com bons olhos pelo grupo, levando, mais tarde ou mais cedo, à expulsão do membro que ousar a travessura.

Afinal também Braga teve de se organizar ao nível das instituições de apoio a crianças em situação de rua. Um surgem como uma alternativa ao espaço rua, tentam resgatar crianças que por lá se vão perdendo, e apresentam-se como um complemento à família e à escola, a dada altura impotentes dada a realidade. Outras de acolhimento que recriam um espaço e um ambiente alternativo à casa, ao

ambiente familiar e que recebem crianças efectivamente retiradas aos pais. Apesar de reconhecer a necessidade, ou talvez a indispensabilidade deste tipo de instituição, e de respeitar o trabalho que por lá se vai fazendo, tal como Müller e Rodrigues (2000), parece-me *"muito perigoso que as soluções para os sujeitos da educação social estejam apenas dentro das instituições tradicionais. Existe o risco de termos somente especialistas tecnocráticos trabalhando ali, com regras de funcionamento já definidas. (2000: 83)"* Acredito, e ainda de acordo com as mesmas autoras, que a vida destas crianças merece, tal como a de todas as outras, uma multiplicidade de espaços que a comunidade, numa perspectiva mais local, e o Estado, numa perspectiva mais central e pública, deveriam, em nome de uma pretensa felicidade merecida, assegurar-lhes. O ocupar parte do tempo que as crianças não passam nem em casa, nem na escola, no caso das instituições de apoio, ou o fechá-las em centros de acolhimento, no segundo caso, não traz soluções aos problemas destas crianças, nem aos das suas famílias.

Afinal, afinal, afinal... afinal estava na hora de deixar cair por terra todo e qualquer juízo erradamente construído, estava na hora de permitir que se fizesse luz e que se repusesse a verdade.

Afinal estava na hora de constituir o fenómeno das crianças em situação de rua como um tema de discussão alargada ao poder local, ao poder central, às comunidades, à sociedade, ao país:

"A formalização dos Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente e dos Conselhos tutelares [ou, em Portugal, as Comissões de Protecção de Crianças e Jovens e as Instituições de Solidariedade Social], enquanto espaços de participação popular e de exercício de democracia directa não pode esgotar-se numa actividade rotineira de reuniões e resoluções, mas precisa ser enriquecida com as audiências públicas, a interlocução social, as conferências, e principalmente, a abertura de espaços para ouvir e dialogar com as própria crianças e adolescentes. A globalização como processo de desconstrução das culturas locais e de relativização de categorias e conceitos não há de nos assustar no empenho de nossas críticas ao capitalismo e de nossa perspectiva de construir relações e valores mais éticos e menos fúteis. Volpi (1998: 3,4)"